

**OS DISCURSOS AMBIVALENTES DA NAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: DA
CARTA DE CAMINHA À IARARANA**

Gisane Souza Santana¹
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

*O pós-moderno realiza dois movimentos simultâneos.
Ele reinsere os contextos históricos como sendo significantes,
e até determinantes, mas ao fazê-lo, problematiza
toda noção de conhecimento
Hutcheon*

Considerações Iniciais

Este estudo apresenta uma reflexão sobre a questão identitária e cultural da nação brasileira, a partir da obra *Iararana*², de Sosígenes Costa e do relato de Pero Vaz de Caminha acerca do *achamento do Brasil*. O primeiro texto conta a chegada de um personagem mítico à foz do rio Jequitinhonha e os desdobramentos de sua presença nessa região, enquanto a Carta a El Rei D. Manuel - referida neste trabalho como *Carta de Caminha* - se ocupa de expor, em detalhes a nova terra, a figura do indígena e seus primeiros contatos com o homem europeu.

Assim, foram observados os aspectos descritivos do colonizador, em *Iararana*, e do colonizado, na *Carta de Caminha*, levando-se em consideração que ambos podem ser encontrados nos referidos textos. Com base nos Estudos Culturais, a análise dos textos, literário e histórico, destaca a construção identitária e mitológica da nação a partir dessas narrativas. Desse modo, este trabalho apresenta características estratégicas de *intertextualidade* das narrativas de fundação no âmbito do nacional – Brasil - e do local – região Sul-baiana, atentando para a questão da diferença e da identidade cultural (HALL:1999) pensando numa re-leitura da região, através da intersecção de focos distintos: do colonizado e do colonizador.

A chegada de *Tupã-Cavalo* na terra nova

¹ Pós-graduanda em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa ICER/FAPESB.

O sub-título é uma analogia ao caráter intertextual das narrativas que compõem o *corpus* deste estudo. Os textos contam a chegada de um colonizador europeu, manifestando diferentes pontos de vista. Se para Pero Vaz de Caminha é mister relatar as características da terra e do nativo, com ênfase na necessidade de expandir a fé cristã, para Sosígenes Costa interessa a versão do descobrimento do Rio Jequitinhonha narrada pelos colonizados: índios, negros, animais e o espírito da mata, para os quais, a novidade era o mito grego do centauro.

Primeiro texto escrito em terras brasileiras, a *Carta de Caminha* descreve os primeiros encontros entre colonizadores e colonizados, enfatizando minúcias e impressões do autor sobre o lugar, o povo e os seus costumes. Vislumbra as possibilidades de exploração da terra, na qual *em se plantando, tudo dá*; valoriza as riquezas naturais e os homens que a habitam.

A terra em si, é de muitos bons ares, frios e temperados como os de Entre-Doiro e Ninho, porque neste tempo de agora, assim os achávamos, como os de lá. Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa, em querendo a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. (SIMÕES, H., 2000: 58)

O relato de Caminha expressa o imaginário quinhentista sob o paradigma do colonizador, retratando a *terra nova* como um éden, um paraíso perdido a ser civilizado pela nação portuguesa. O segundo texto estudado, *Iararana*, é uma alegoria que narra a formação étnico-cultural da Região do Sul da Bahia, partindo de elementos formadores da identidade nacional, ou seja, elementos que remetem à miscigenação brasileira. Sosígenes se apropria de diversas culturas³ para expressar uma mítica hibridação cultural: mescla o *índio*, remetendo ao *Bom Selvagem* de Rousseau (1973), o *europeu*, com as fábulas de Esopo e La Fontaine, e a Mitologia Grega com o *Centauro* chamado no poema de *Tupã-Cavalo*, por unir o sentido indígena do deus do trovão ao aspecto duplo do centauro. O poema narrativo constitui-se de *fenômenos híbridos* (CANCLINI: 2000), relacionando aspectos históricos, artísticos e literários. Em *Iararana*, a chegada do branco é contada durante os diálogos de Romãozinho, calunga e a caipora:

Uma anta medonha com cara de homem
Entrou pela barra nadando do mar

Um bicho medonho com cara de gente
Passou lá na ilha. (COSTA, s.d., p. 22)

Esta anta com cabeça de gente não era anta, meu neto.
Aquilo era cavalo com cabeça de gente.
Era cavalo da Oropa com feição de mondrongo.

³ Presentifica-se, na literatura pós-moderna, uma tendência à utilização deliberada da intertextualidade.

Veio da Oropa o danado a descobrir este rio. (Ibid., p. 33)

Causador de euforia entre os bichos, o centauro expulso da Grécia mitológica, se refugiou em Portugal, “a pontinha da Oropa”, de onde “veio nadando e chegou neste rio” (Ibid.). Foi chamado *Tupã-Cavalo*, metade cavalo e metade homem -, um ser monstruoso que irá iniciar nas terras brasileiras um processo civilizador, implantando aí a monocultura do cacau. Nesse ínterim, a vinda do centauro europeu configura o início de um novo tempo, o tempo *moderno*.

O tempo duplo e cindido na escrita da nação

Na mitologia grega, o deus Kronus utiliza uma dupla simbologia para expressar o domínio sobre a passagem do tempo. A primeira remete a uma temporalidade linear, horizontal, simbolizada pela ampulheta que carrega em uma das mãos. O senhor do tempo também é representado portando uma serpente em forma de círculo aberto; simbologia que remete a uma temporalidade aberta, infinita e, por isso, distinta daquela proposta linear e cronologicamente determinada.

Ambas as imagens – a ampulheta e a serpente - remetem a temporalidades distintas. A imagem da ampulheta simbolizaria um tempo horizontal, linear, cronologicamente marcado, um tipo de historicidade fixa e determinada. A passagem do tempo, representada pela areia que cai, remete ao evento que essa temporalidade controla como algo com princípio e fim, previamente estabelecidos. A serpente, cujo corpo representa um círculo aberto, no qual cabeça e cauda jamais se encontram, propõe uma outra forma de olhar sobre a temporalidade. O círculo aberto, cabeça e cauda sem princípio ou fim, marcam um processo temporal, no qual acontecimentos não podem ser congelados em sua fixidez. Os acontecimentos fluem num processo temporal, cuja mobilidade não permite que sejam fixados, numa sucessão cronologicamente datada, em princípio e fim para os eventos.

A teoria dos Estudos Culturais, particularmente o teórico indiano Homi K. Bhabha, propõe a re-escrita da história da moderna nação ocidental, considerando questões acerca da temporalidade da escrita. À semelhança daquela passagem do tempo, representada pela ampulheta na mão do deus grego, a escrita da nação baseou-se num tipo de temporalidade historicista, horizontal, um conceito de tempo no qual acontecimentos são apresentados em sua historicidade fixa. O evento, com princípio e fim determinados, converte-se numa sucessão de ações presas a uma historicidade linear: “a equivalência linear entre evento e

idéia, que o historicismo propõe, geralmente dá significado a um povo, uma nação ou uma cultura nacional, enquanto categoria sociológica empírica ou entidade cultural holística”. (BHABHA, 1998: 200).

Nesse conceito de temporalidade, estaria contemplado como evento histórico apenas aquele acontecimento que correspondesse à idéia previamente fixada. A nação, na narrativa temporal do historicismo, se converte num único olhar sobre o acontecimento, como sendo capaz de representá-lo em sua amplitude. A escrita da nação, nessa temporalidade *homogênea e vazia*, relega os eventos não contemplados pela idéia às bordas e margens da escrita da nação.

Escrever a nação, a partir de suas margens e bordas, exige um outro tipo de temporalidade distinto daquela linearidade proposta pela visão historicista e pelo holismo cultural. Essa escrita da nação, a partir das margens, propõe que se considere temporalidades diversas e múltiplas, levando em conta as escritas que foram silenciadas pelo conceito *de comunidades imaginadas* (ANDERSON:1989). Uma temporalidade na qual as diversas manifestações culturais sejam consideradas, um tempo sem início nem fim, a exemplo da emblemática serpente na mão do deus Kronus, cujo movimento circular permite uma visão em totalidade do corpo representado “espaço sem lugares, tempo sem duração” (ALTHUSSER *apud* BHABHA, 1998: 202).

Na temporalidade disjuntiva da pós-modernidade⁴, proposta por Bhabha, a escrita da nação, requer um tipo de duplicidade ambivalente, que contemple os eventos e narrativas que ficaram à margem da escrita monológica do historicismo e de seu tempo homogêneo e vazio; um tempo ambivalente que move a escrita da nação para outro lugar, no qual fragmentos e retalhos de significação cultural são incorporados à narrativa da nação.

A escrita ambivalente da nação constrói uma outra temporalidade narrativa – a temporalidade disjuntiva-, baseada na cisão entre a temporalidade continuísta e cumulativa do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente do performativo. Essa escrita dupla da nação, permite que sejam contemplados outros aspectos de um determinado evento histórico – a construção do herói nacional e o heroísmo do colonizador - vistos a contrapêlo (WALTER BENJAMIM:1994) traduzido na metáfora do muitos como um, que universaliza as

^{4 4} O termo pós-moderno é tomado neste trabalho como deslizador do sentido da expressão *além*, a qual não significa nem um novo horizonte, nem um abandono do passado, mas um momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam. ou como diria Bhabha, constitui-se uma postura crítica que revisa e mina as estratégias discursivas da dominação colonial a partir de volta (revota) ao centro

experiências e move-se para outro *topos*, no qual, as experiências individuais são valorizadas como integrantes de uma coletividade.

A escrita ambivalente da nação

Partindo da literatura produzida por colonizados e colonizadores, Bhabha discute a narração da nação através de discursos que considera híbridos e ambivalentes. Apresentando diferentes tradições de escrita, o autor enfoca seu estudo na “cisão” da narrativa historicista, representativa do povo, enquanto presença histórica, *a priori*, linearmente contada, e a narrativa do tempo não-linear, que incita uma dialética entre diversos momentos históricos da cultura sempre no instante presente. Através dessa proposta de análise, Bhabha trabalha dois conceitos: *pedagógico* e *performático*.

Todo o esforço empregado em reunir a nação como uma uniformidade, costurando tecidos históricos tradicionais para expressar a acumulação do discurso progressista de um todo resulta no historicismo, no conceito de *pedagógico*, que, por sua vez, “funda sua autoridade narrativa em uma tradição do povo [...] encapsulado numa sucessão de momentos históricos que representa uma eternidade produzida por autogeração” (Ibid.: 209). Esse conceito envolve o anonimato do coletivo em função do todo, tomando o geral como representativo de um território. As fronteiras espaciais funcionam enquanto agentes legitimadores da tradição de um tempo interior.

Exemplo disso é a *Carta de Caminha*. Tomada como texto tradicional da história brasileira, a Carta narra um momento histórico nacional referindo o território como sendo uma *terra nova*, para a nação portuguesa, a qual deveria se dedicar à salvação dos nativos. Caminha relata em sua Carta somente o que pode interessar ao discurso historicista português da época. O tempo de escrita é linear, ou seja, é um tempo homogêneo que não permite a transparência das fissuras do presente, das vozes minoritárias, transformando a comunidade numa representação horizontal do espaço. Esta comunidade é, em verdade, somente uma pequena amostra do nativo encontrada pelos portugueses, considerada como um todo a ser civilizado.

Mas, o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece, que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar. [...] bastaria quanto mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé (SIMÕES, H, 2000: 58-59).

A expansão da fé católica representa, nesta narrativa, o que é politicamente significativo para a nação sob o ponto de vista do português, o qual lança sobre o povo

indígena um olhar que desconsidera a ordem social existente para configurar o nativo como constitutivo de uma fronteira territorial. Na temporalidade pedagógica, o discurso unificador das vozes dominantes, torna-se uma escrita narcísica, na qual o todo da nação é representado, metonimicamente, pela parte que escreve a História oficial. Nessa escrita narcísica, o processo de construção da nação, é derivado apenas do trabalho do europeu, branco, cujo processo ‘civilizatório’ é responsável pelo desenvolvimento da nação.

Por isso, o tempo pedagógico é marcado pela idéia de coesão social no presente - *muitos como um*. Se o discurso do nacionalismo articula um tipo de narrativa que privilegia a coesão social, Bhabha, ao contrário, procura pensar a nação a partir de suas margens - os conflitos sociais e as vivências das minorias. Assim, o referido autor pensa a nação a partir de suas discontinuidades; trata-se de uma recusa da narrativa monolítica da nação.

O segundo conceito trabalhado por Bhabha - *o performático* - é característico das *contra-narrativas*. Isto, porque, resulta da tessitura dos retalhos descartados pela narrativa *pedagógica*. Esses fragmentos tematizam o particular, uma visão que não oferece continuidade discursiva ao projeto nacional como um todo. São silenciados, porém permanecem presentes, aptos a desorganizar as estratégias ideológicas que atribuem à nação uma identidade essencialista.

É a partir dessa instabilidade de significação cultural que a cultura nacional vem a ser articulada como uma dialética de temporalidades diversas – moderna, colonial, pós-colonial, ‘nativa’ – [...] sempre contemporânea ao ato de recitação. É o ato presente que, a cada vez que ocorre, toma posição na temporalidade efêmera [...] (BHABHA,2003: 215.).

Esse diálogo temporal ocorre em *Iararana*, pois a obra reúne fragmentos dos diversos momentos históricos referidos por Bhabha, sempre na ocasião presente. A cisão provocada pela escrita ambivalente da nação questiona o historicismo, cuja premissa de uma suposta correspondência linear entre evento e idéia relegou às margens toda e qualquer História que não estivesse contemplada no conceito de comunidade imaginada da nação.

No poema, acontece a articulação dos retalhos (etnias, línguas, versões para os fatos), que ainda não são inteiramente comportados pela narrativa tradicional. A voz de personagens étnicos regionais, através da fala dos mitos, intensifica o caráter contra-narrativo de tornar opacas as “fronteiras totalizadoras - tanto reais quanto conceituais” (Ibid.: 211), que passam a ser *imaginadas* com base na contemporaneidade. Quando Romãozinho canta o “coco da taruíra”, Sosígenes Costa exemplifica a voz de um personagem social brasileiro, exibindo sua impressão sobre o colonizador, muitas vezes, diluída pelo discurso histórico tradicional.

A filhinha da mãe-d'água
Vai ficar *araçuaba*.
É tão branca que parece
Lagartixa descascada
Lagartixa *taruíra*
Caquende papai-vovô (grifo nosso)

Menina laranja com ar de raposa
E de pata-choca danada de runhe.

Iararana puxou ao cavalo-marinho,
Não puxou à mãe-d'água que é aquela beleza da boca do Bu.
Iararana cresceu e tocou a judiar (Ibid., p. 60)

A apropriação feita por Sosígenes de um arcabouço de termos da língua tupi, para descrever o colonizador pelo olhar do colonizado, retoma o tempo de escrita das outras vozes do nacional, as minoritárias. Este é o aspecto contra-narrativo de *Iararana*, o aspecto da heterogeneidade cultural. A tentativa de Sosígenes é (re) escrever uma outra história, uma história a *contrapelo*, uma *contra-narrativa*; é construir um conceito de nação que corresponda à verdade daqueles a quem a tradição da dominação e o ritmo contínuo da história fizeram calar.

Segundo Linda Hutcheon, escrever a nação a partir do *ex-cêntrico*, *do marginal*, *do diferente* é próprio de narrativas pós-modernas, pois, estas desviam o foco do centro - masculino, eurocêntrico e sexista. Embora *Iararana* tome o discurso pedagógico como matéria, é através da *metaficção historiográfica*, utilizando “a imitação intertextual do passado” (HUTCHEON, 1991:150), incorporando e modificando os dados históricos, dando-lhes “vida e sentidos novos e diferentes através da ironia” (*ibidem*), que Sosígenes re-escreve ou re-apresenta o passado evitando versões conclusivas ou hegemônicas da história; re-escreve dentro de um novo contexto. Assim, “o passado chega na forma de texto e de vestígios textualizados como memória, relatos, arquivos e documentos, e esses textos interagem de forma complexa” (*ibidem*)

Ao utilizar a *metaficção historiográfica*, Sosígenes reconhece que a história não é o registro transparente de nenhuma verdade indiscutível. Dessa maneira, pode-se dizer que é no discurso performático e na temporalidade disjuntiva, que o poema narrativo é construído, a partir dos interstícios, dos discursos do *ex-cêntrico*, *do marginal*, *do diferente*. De tal modo, “as margens e as extremidades adquirem um novo valor” (*ibidem*, p.150), e é, a partir dessas, que o mito de fundação da região Sul-baiana é construído.

Considerações Finais

A análise dos textos corroborou para a aceitação de que a cultura local é enriquecida de significação não só por seu componente histórico, mas por abrigar, também, aspectos identitários relacionados à formação da *civilização* do cacau. Essas narrativas fundacionais localizam a origem da nação e afirmam o pensamento que considera que “as identidades nacionais não são como coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 1999, p. 48). No âmbito da reprodução daquilo que se pensa, esse imaginário é vestido enquanto sentimento de *nacionalidade* e, mais que isso, de *localidade* da cultura.

A análise da teoria dos Estudos Culturais, aliada à das obras literárias, mostrou-se relevante, porque permitiu contemplar uma outra temporalidade de escrita da história, baseada em suas fissuras, performances vividas na clandestinidade porque não são representadas na temporalidade vazia do pedagógico. É possível afirmar que, a temporalidade continuísta, a pedagógica, garante a homogeneidade, na medida em que faz alusão a um passado supostamente comum a todos. Já a temporalidade da performance, permite que os subordinados intervenham no processo de significação e alterem as representações dominantes. Assim, a escrita da nação jamais conseguirá abolir a diferença, uma vez que as *contra-narrativas* surgem no nível performático.

Abstract

The present work intends to analyze the construction of the nation in the current from the performative and pedagogical speeches in the literary corpus Iararana de Sosígenes Costa - Carta de Caminha. The questioning that will guide the work searches to explain the narrative of founding myths in the historic time of the pedagogical speech and the fictions provoked in the historic speech for the against-narrative of the performative.

Word-key: Nation; Speeches Pedagogical; Speeches Performative;

Referências bibliográficas

- BHABHA, Hommi K. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas**. São Paulo. Brasiliense, 1994
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- COSTA, Sosígenes. **Iararana**. São Paulo: Cultrix, s.d.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3ª ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Crus. Rio: Imago, 1991

SIMÕES, Henrique Campos. **O achamento do Brasil: a carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel**, em quadrinhos./ Henrique Campos Simões (textos, leitura e notas); Reinaldo Rocha Gonzaga (arte e ilustração). 2^a ed. – Ilhéus: Editus, 2000.